

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

O LUGAR DA ARTE CONTEMPORÂNEA: escola como espaço da experiência

Autora: **Alessandra Aparecida Sinhori**¹
Orientador: **Cláudio Luiz Garcia**²

Resumo: O estudo apresentado neste artigo, que faz parte do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), compreende a implementação de um projeto de intervenção pedagógica com alunos do 3º ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva – Rolândia, Pr.. Para a aplicação desse projeto, foi desenvolvida uma Unidade Didática com propostas de atividades teóricas e práticas para trabalhar, com os alunos: o conceito de arte contemporânea, a arte contemporânea no Brasil a partir da década de 1960 e principais referências brasileiras, como Cildo Meireles e Artur Barrio, e estrangeiras, como Kurt Schwitters e Marcel Duchamp, entre outros. As principais ações realizadas foram: exibição de vídeos sobre os artistas acima referidos, apresentação de imagens de obras, leitura de textos que suscitaram reflexões, construção de um relato autobiográfico e elaboração de um trabalho prático, uma "Instalação", linguagem característica da arte contemporânea.

Palavras-chave: Arte Contemporânea; Relato Autobiográfico; Instalação; Educação.

INTRODUÇÃO

O artigo apresenta os resultados da implementação de um projeto de intervenção pedagógica, desenvolvido no primeiro semestre de 2017, tendo como público alunos de 3º ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva – Rolândia, Pr. Trata-se de um trabalho elaborado como parte do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), oferecido pela Secretaria de Estado da Educação do Governo do Estado do Paraná.

O projeto de intervenção teve como foco abordar a arte contemporânea como expressão artística na escola, lugar por excelência para instigar a percepção dos alunos por meio de investigação e pesquisa, de modo a aproximá-los do que se compreende como arte contemporânea.

O trabalho foi desenvolvido em 36 horas-aulas, que foram divididas em aulas teóricas e práticas, culminando com a elaboração de uma instalação.

A ideia de desenvolver a pesquisa, aqui apresentada, surgiu de uma análise de nossa experiência enquanto professores de arte, pois o tema Arte Contemporânea e as linguagens bi e tridimensionais foram abordados em diferentes

¹ Docente de Arte da Rede Estadual de Educação do Paraná. Participante do Programa de Desenvolvimento da Educação- PDE/2016. Especialista em História e Teorias da Arte: Modernidade e Pós-Modernidade pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. alesinhori@seed.pr.gov.br

² Professor Adjunto do Departamento de Arte Visual da Universidade Estadual de Londrina – UEL. Doutor em Poéticas Visuais pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. claudio.luiz.garcia@gmail.com

momentos. Assim, buscamos desenvolver diferentes linguagens artísticas, nas aulas de arte, com o intuito de possibilitar a aproximação dos sujeitos envolvidos no ambiente pedagógico ao mundo da arte.

Dessa forma, o objetivo maior foi abrir um campo de pesquisa para os estudantes trabalharem, a partir de suas escolhas, de suas histórias de vida e de seus desejos como sujeitos de uma cultura local, formas de expressão relacionadas a algo regional, nacional e internacional.

Como metodologia, foi realizado um levantamento bibliográfico em fontes impressas e em bancos de dados na *internet*, para a obtenção de subsídios para a elaboração de uma Unidade Didática sobre o tema, com aulas teóricas e práticas (atividades).

Dessa maneira, buscamos levar para a escola as experiências de arte contemporânea da década de 1960, apresentada, geralmente, em museus e galerias. Afastamo-nos do valor artístico e econômico que essas obras adquiriram, retiramos a aura que envolve as artes e propusemos uma retomada da criação artística enquanto experiência prática e estético-pedagógica. Houve a necessidade de introduzir novos conceitos artísticos, com o objetivo de promover discussões sobre arte na escola a partir de novas experiências.

Durante o trabalho, as aulas propiciaram momentos em que a atenção visual dos alunos foi instigada por imagens dos seguintes artistas: Cildo Meireles (1948), Artur Barrio (1945), Kurt Schwitters (1887-1948), Marcel Duchamp (1887-1968), Mark Jenkins (1970) e Guto Lacaz (1948). As referências artísticas foram também escolhidas a partir do material disponível na publicação *Arte na Escola*, como *Cildo Meireles: gramática do objeto* e *As máquinas de Guto Lacaz*, e de publicações em redes, tais como: *Medo da Arte Contemporânea*, *Instalação Rio air*, de *Cildo Meireles*, *Experiência Nº 5 de A. A. Barrio* e *Múltiplas linguagens da arte contemporânea: objeto*. Além disso, outros artistas foram sugeridos pelos anos com base em suas pesquisas.

Após esses momentos, nos grupos de trabalho, os alunos foram convidados a pensar sobre o que viram, a refletir, a questionar e a investigar os materiais utilizados pelos artistas estudados, para que pudessem escolher os materiais com os quais gostariam de trabalhar. Com base nessas reflexões, os alunos desenvolveram propostas práticas em forma de escultura e/ou desenho, o que culminou com a elaboração e a montagem de uma instalação em ambiente por eles

escolhido, a partir dos materiais selecionados e trazidos pelos integrantes de cada grupo.

Neste artigo, são apresentadas as Instalações realizadas pelos alunos no ambiente escolar, a partir das noções de arte contemporânea, primeiramente, compreendidas e, depois, analisadas, em todo o processo de desenvolvimento da Unidade Didática.

A IMPLEMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

A Instalação como linguagem artística

A instalação é uma linguagem artística que está entre as mais significativas no âmbito da arte do século XX e início século XXI. A instalação é presença marcante na arte contemporânea, pois estabelece uma relação indissociável entre o espectador e a obra, ou seja, propõe um mergulho do espectador em um ambiente que provoca sensações e o envolve por inteiro. As primeiras experiências de instalação surgiram nos anos de 1960, como uma operação artística em que o espaço e o entorno podem ser partes constituintes da obra. As instalações ganharam muita força e espaço de destaque na década de 1970, em exposições que criavam ambientes ocupados pelos mais variados objetos, as quais, muitas vezes, aguçavam outros sentidos além da visão.

Entre as mais reconhecidas, estão a instalação *16 milhas de fio* – (1942) de Duchamp (1887 – 1968), e *MERZBAU*, do alemão Kurt Schwitters (1887 – 1948). Schwitters, denominado artista multimídia, com suas obras, influenciou todas as vanguardas do século XX. Criou a palavra MERZ, derivada de Kommerz, que usou para designar sua ideia de “arte total”, na qual a colagem foi a linguagem mais empregada. Essa palavra serviu para designar toda sua produção artística, sem diferenciá-la. Para ele, a arte está em tudo, inclusive, no comércio.

Em 1923, o artista começou a dar vida ao seu MERZBAU (edifício merz), uma instalação que resultou da combinação entre colagem, escultura e arquitetura, que ocupou vários ambientes de sua casa em Hannover, com o objetivo “criar relacionamentos entre coisas do mundo” e remover as fronteiras entre as várias formas de arte e vida cotidiana. Destruída durante a segunda guerra mundial, em 1943, por um ataque dos aliados, foi reproduzida por meio de uma réplica. Para ele,

“o material utilizado é irrelevante, o essencial é a forma. Por isso, utilizo qualquer material, contanto que a obra exija” (MACCHI, 2004).

Com sua arte, Schwitters antecipa, nos anos de 1920, alguns procedimentos hoje incorporados por artistas contemporâneos, principalmente, o uso de materiais rudimentares para a criação de suas obras artísticas.

A instalação, na contemporaneidade, tornou-se mais complexa e multimídia e enfatiza a espetacularidade e a interatividade com o público. Nesse sentido:

As combinações com várias linguagens como vídeos, filmes, esculturas, performances, computação gráfica, e o universo virtual, fazem com que o público se surpreenda e participe da obra de forma mais ativa, pois ele é o objeto último da própria obra, sem a presença do qual a mesma não existiria em sua plenitude (SILVA; PECCININI, s/d).

O envolvimento ativo do observador com a obra permite uma fruição plena, o que, em muitos casos, pode tornar a experiência incômoda ou até perturbadora. Esse ato de levar o observador a experimentar a obra para além do sentido da visão, propiciando-lhe sensações agradáveis ou não, torna as instalações um espelho de seu tempo, pois exige do indivíduo questionamento e interação. “Pode-se dizer que a instalação é uma obra epocal, a qual só faz sentido se vista e analisada em seu tempo-espaço” (SILVA; PECCININI, s/d). Nesse contexto, Cocchiarale ressalta que:

Considerando nossa realidade social e histórica atuais o que havia de estranho quando um artista contemporâneo faz uma instalação com materiais retirados da própria vida como jornais, objetos apropriados do circuito industrial (e mesmo artesanal) de produção de utilitários, colocando às vezes até produtos orgânicos, ele está dialogando com coisas muito mais importantes da vida do que cometendo a picaretagem de querer ser diferente a qualquer preço (COCCHIARALE, 2006, p. 72-73).

A instalação pode ser entendida como construção da espacialidade em um lugar e tempo determinados, assim, pode ser efêmera e, desse modo, ficar apenas na memória, ou ser desmontada e recriada em outros espaços. Enquanto poética artística, a instalação permite ao artista o uso de uma grande variedade de materiais e suportes. Por meio dessa linguagem, o artista ultrapassa as linguagens tradicionais, comuns em espaços como galerias e museus.

Referências Artísticas em Sala de Aula

Para que os alunos pudessem compreender melhor essa linguagem artística, principalmente, no que diz respeito ao uso de materiais não convencionais empregados pelos artistas contemporâneos, foram apresentadas imagens de uma instalação de Cildo Meireles (1948) (Figura 1) e uma de Artur Barrio (1945) (Figura 2).

Figura 1: Através (1883-1889) – Cildo Meireles



Fonte: <https://goo.gl/icH626>

Figura 2: O Ignoto (1996) – Artur Barrio



Fonte: <https://goo.gl/QUtGQa>

Durante a apresentação das obras, os alunos teceram comentários e, posteriormente, registraram, em seus cadernos de artista-estudante, suas percepções a partir de questões que orientaram as conversas nos grupos. A seguir, são apresentados alguns dos registros:

“As obras podem ser sim consideradas arte, porque o artista usa objetos inusitados para fazer uma arte. Sua intenção é fazer uma arte. Tudo o que fazemos com a intenção de fazer uma arte é considerado arte contemporânea. As obras que vimos causou estranhamento, porque os objetos vistos não faziam sentido ou uma relação entre si. Foi um estranhamento intelectual e lógico. Nós tentamos encontrar lógica, mas meu pensamento não foi além disso. O que mais me chamou a atenção foi a obra que tinha a mangueira no chão e a bicicleta, mas o que esses materiais ali têm a ver com a arte? Isso é o que é mais interessante na arte contemporânea, e tem que tem alguma coisa haver? Sobre tudo que vimos pensamos que é muito interessante e ao mesmo tempo estranho, pois os materiais não têm uma reação entre si e cada um que olha para a obra terá suas próprias conclusões. Essas obras não são apenas para apreciação estética, ela é também para ser sentida na pele. A instalação artística é para que o visor tenha liberdade de sentir a obra em si mesmo. Portanto não é simplesmente para ser contemplada, aliás a Arte Contemporânea não é para ser contemplada, mas sim refletida”. (Grupo 1)

“As obras vistas podem ser consideradas arte porque elas se encaixam na Arte Contemporânea. Precisam da participação do público e são usados materiais acessíveis a todos. O que mais nos causou estranhamento foi a bola no meio da obra de Cildo Meireles, não entendemos muito bem porque

ela estava ali. Pensamos que o artista foi muito criativo para fazer sua arte. As obras não são apenas para apreciação estética, pois são criadas para criar questionamentos, elas precisam ser vivenciadas, sentidas". (Grupo 2)

Em seguida, para ampliar o leque de obras, abordamos instalações de alguns artistas internacionais, entre elas, *Merzbau*, de Kurt Schwitters (1887-1948) (Figuras 3 e 4).

Figura 3: Merzbau (1920-1937) – Kurt Schwitters



Fonte: <https://goo.gl/xGx16K>

Figura 4: Merzbau, 1920-1937 – Kurt Schwitters

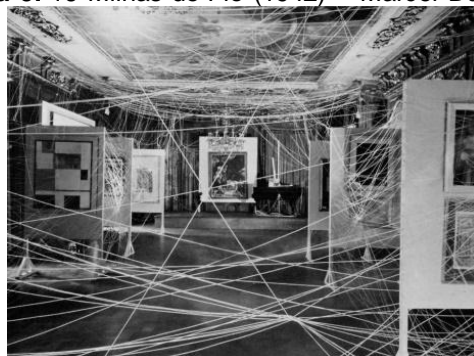


Fonte: <https://goo.gl/xGx16K>

Nesse momento, foi destacado que Schwitters antecipa, nos anos de 1920, alguns procedimentos hoje incorporados por artistas que utilizam materiais rudimentares para a criação de suas obras.

A instalação é também uma linguagem reconhecida em obras de Marcel Duchamp (1887-1968), como em *16 Milhas de Fios* (Figura 5), criada para a Retrospectiva da Arte Surrealista, organizada por André Breton, em Nova York, no ano de 1942.

Figura 5: 16 Milhas de Fio (1942) – Marcel Duchamp



Fonte: <https://goo.gl/La94Y8>

Após observarem, atentamente, as obras, os estudantes registraram algumas percepções, tendo como referência as discussões e considerações que desenvolveram sobre o processo de criação do artista. Registraram a escolha do ambiente em que seria realizada a instalação (espaço fechado ou aberto), com o objetivo de envolver o espectador, e escolheram o material a ser utilizado um título para sua obra.

Outro artista escolhido foi Mark Jenkins (1970), conhecido por seus trabalhos caracterizados como arte urbana (Figuras 6 e 7), pois cria personagens que imitam humanos em situações inusitadas, usando, especialmente, embalagens em suas produções.

Figura 6: Mark Jenkins



Fonte: <https://goo.gl/M8KbMy>

Figura 7: Mark Jenkins



Fonte: <https://goo.gl/M8KbMy>

Após a apresentação dos registros das intervenções urbanas do artista, foi proposta uma reflexão sobre os trabalhos, de modo específico, sobre os personagens criados por Jenkins, para que os alunos pudessem construir uma narrativa oral sobre eles.

Nesse momento, os alunos reconheceram que esses trabalhos interferem na paisagem urbana, pois instigam olhares e causam choque e estranhamento em quem transita.

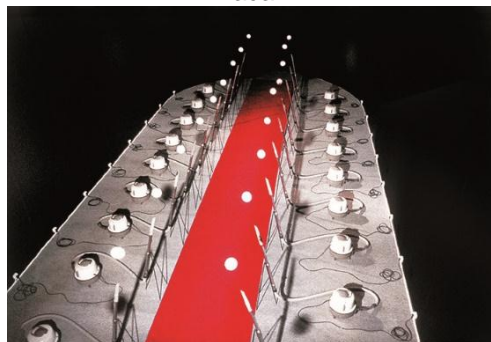
Em seguida, foram apresentados trabalhos de Guto Lacaz (1948) (Figuras 8 e 9). Os alunos puderam conhecer um artista inquieto, observador e inventor de máquinas sem uma utilidade aparente. A proximidade com o universo lúdico foi um modo de despertar o interesse dos alunos para o desenvolvimento de suas produções.

Figura 8: Auditório para Questões Delicadas (1989) – Guto Lacaz



Fonte: <https://goo.gl/hYg43G>

Figura 9: Eletro Esfero Espaço (1986) – Guto Lacaz



Fonte: <https://goo.gl/2YZeJZ>

Após uma conversa sobre os trabalhos do artista, os alunos foram convidados a pensar e desenhar, de memória, objetos próprios, esquecidos há tempos, e, posteriormente, dar uma outra utilidade para os mesmos.

As obras-referência para os trabalhos

As propostas de trabalho tomaram como referência artistas como Cildo Meireles, Artur Barrio, Kurt Schwitters, Marcel Duchamp, Mark Jenkins e Guto Lacaz. Por meio de leitura e discussão das biografias, os estudantes puderam conhecer um pouco sobre a vida e obra desses artistas.

Cildo Meireles

Cildo Campos Meirelles (Rio de Janeiro, 1948). Artista multimídia. É reconhecido como um dos mais importantes artistas brasileiros contemporâneos. Conhece o Grupo Neoconcreto, do Rio de Janeiro, sente-se atraído pelo movimento e se interessa pela possibilidade aberta pelo grupo "de pensar sobre arte em termos que não se limitassem ao visual." Em 1967, o desenho passa para um segundo plano, pois o artista se volta para obras tridimensionais. Sua primeira instalação é *Desvio para o Vermelho*, apresentada no MAM/RJ, em 1967, (Figuras 10 e 11). Na instalação apresentada nas Figuras 12 e 13, Cildo cria uma obra com bolas de diferentes tamanhos e cores, colecionadas ao longo de anos.

Figura 10: Desvio para o vermelho (1967-1984) - Cildo Meireles



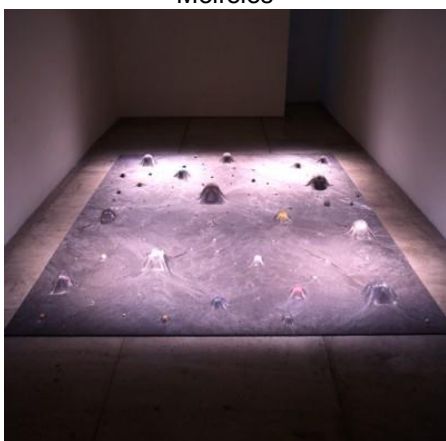
Fonte: <https://goo.gl/2nzbVe>

Figura 11: Desvio para o vermelho (1967-1984) - Cildo Meireles



Fonte: <https://goo.gl/2nzbVe>

Figura 12: Glove Trotter, 1991 - Cildo Meireles



Fonte: <https://goo.gl/BpmHcC>

Figura 13: Glove Trotter, 1991 - Cildo Meireles



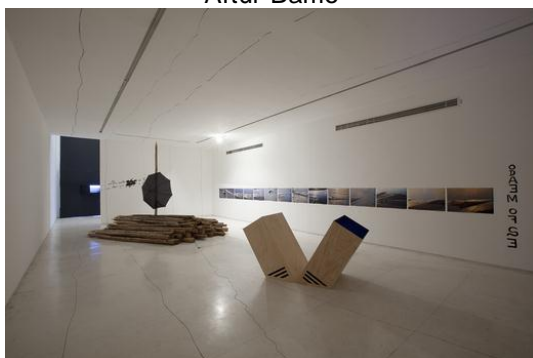
Fonte: <https://goo.gl/WFTCR5>

Artur Barrio

Artur Alípio Barrio de Sousa Lopes (Porto, Portugal 1945), artista multimídia e desenhista. Em 1955, Artur passa a viver no Rio de Janeiro, dedica-se à pintura em 1965 e, a partir de 1967, frequenta a Escola Nacional de Belas Artes - Enba. Nesse período, realiza os "cadernos livres", com registros e anotações que se afastam das linguagens tradicionais. Em 1969, começa a criar *Situações*: trabalhos de grande impacto, realizados com materiais orgânicos, como lixo, papel higiênico, detritos humanos e carne putrefata (como as *Trouxas Ensanguentadas*), com os quais realiza intervenções no espaço urbano. No mesmo ano, escreve um manifesto no qual contesta as categorias tradicionais da arte e sua relação com o mercado, além da situação social e política vigente na América Latina, na época.

Em 1987, o artista apresenta, na Galeria do Centro Empresarial do Rio de Janeiro, a Experiência nº 1. Com este trabalho, inicia uma série de instalações em que atua diretamente sobre as paredes da galeria, sulcando-as e prendendo objetos em sua superfície, além colocar múltiplos elementos em todo o ambiente. Para reforçar, foram apresentadas imagens de várias instalações (Figuras 14, 15, 16, 17, 18 e 19).

Figura 14: ... em algum ponto da Terra, 2014 - Artur Barrio



Fonte: <https://goo.gl/jBm91A>

Figura 15: ... em algum ponto da Terra, 2014 - Artur Barrio -



Fonte: <https://goo.gl/jBm91A>

Figura 16: (Ex) Tensões y Puntos, 2011- Artur Barrio



Fonte: <https://goo.gl/XdXxMD>

Figura 17: (Ex) Tensões y Puntos, 2011 - Artur Barrio



Fonte: <https://goo.gl/XdXxMD>

Figura 18: da INUTILIDADE da UTILIDADE da POLÍTICA da ARTE, 2010 - Artur Barrio



Fonte: <https://goo.gl/cxiBzn>

Figura 19: da INUTILIDADE da UTILIDADE da POLÍTICA da ARTE, 2010 - Artur Barrio



Fonte: <https://goo.gl/cxiBzn>

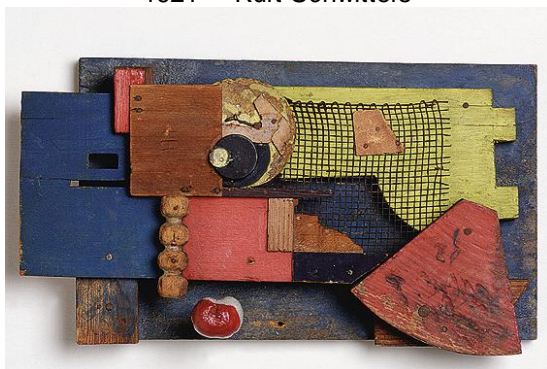
Kurt Schwitters

O alemão Kurt Schwitters (1887-1948), que nasceu em Hanover, foi, em seu tempo, o que hoje chamamos de artista multimídia. Sua criatividade não conhecia fronteiras e ele a aplicou na escultura, arquitetura, tipografia, literatura, dramaturgia, encenação, música e performance.

Kurt Schwitters inventou uma palavra para designar sua ideia de arte total, Merz, cuja principal técnica era a colagem. O conceito servia para nomear todas as suas atividades - o Merz desenho, as Merz pinturas, Merz esculturas, Merz publicações.

Sua primeira Merz pintura, uma *assemblage* em grande formato, foi produzida em 1919 (Figura 20). Seu Merzbau (edifício Merz), como anteriormente citado, que começou a tomar forma em 1923, consistia em uma instalação que ocupava várias dependências de sua casa em Hanover (Figura 21). Seu objetivo era de "criar relacionamentos, e preferivelmente entre coisas do mundo" e remover as fronteiras entre as várias formas de arte e a vida cotidiana.

Figura 20: Merz Konstruktion [Construção Merz], 1921 - Kurt Schwitters



Fonte: <https://goo.gl/Q9mf4S>

Figura 21: Kurt Schwitters, 1923

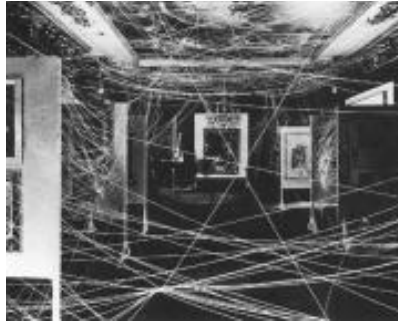


Fonte: <https://goo.gl/bne1ha>

Marcel Duchamp

Marcel Duchamp foi um artista francês que nasceu em Blainville, França, em 28 de julho de 1887 e morreu em Nova York, EUA, em 2 de outubro de 1968. Uma de suas mais conhecidas instalações é *16 Milhas de Fio*, de 1942 (Figura 22). Nesta instalação, o artista cria uma teia que toma o espaço expositivo por entre as telas da exposição.

Figura 22: 16 Milhas de Fio, 1942 – Marcel Duchamp



Fonte: <https://goo.gl/La94Y8>

Mark Jenkins

Jenkins nasceu em Fairfax, Virgínia, em 1970. É um artista norte-americano conhecido por seus trabalhos em estilo arte urbana, e mais especificamente, por usar embalagens de produtos comerciais. Jenkins é conhecido por usar as ruas como um “palco” para suas obras, uma vez que a instalação quase sempre acaba se convertendo em uma performance, com a interação, muitas vezes assustada, dos transeuntes. Cria instalações inusitadas que desafiam o olhar dos pedestres. Seus trabalhos interferem na paisagem urbana, entretanto, sem denegri-la ou danificá-la (Figuras 23, 24, 25 e 26).

Figura 23: Mark Jenkins – Arte Urbana



Fonte: <https://www.ignant.com/2012/03/30/mark-jenkins-2/>

Figura 24: Mark Jenkins – Arte Urbana



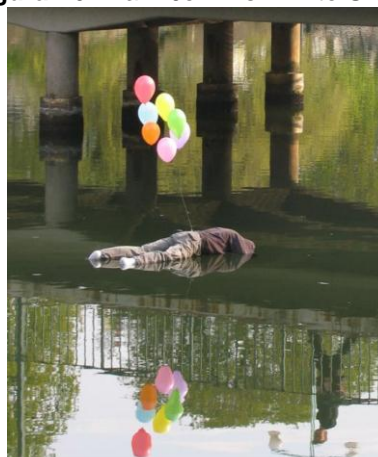
Fonte: <https://www.ignant.com/2012/03/30/mark-jenkins-2/>

Figura 25: Mark Jenkins – Arte Urbana



Fonte: <https://goo.gl/Vce7Zs>

Figura 26: Mark Jenkins – Arte Urbana



Fonte: <https://goo.gl/Vce7Zs>

Guto Lacaz

Carlos Augusto Martins Lacaz (São Paulo, São Paulo, 1948) é um artista multimídia, ilustrador, *designer*, desenhista e cenógrafo. A produção de Guto Lacaz transita entre o *design* gráfico, a criação com objetos do cotidiano e a exploração de possibilidades tecnológicas na arte, sempre tratados com humor e ironia.

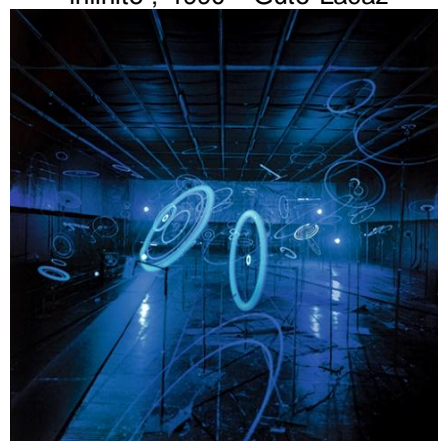
Vários de seus trabalhos relacionam-se ao universo da mídia e do consumo. Lacaz realiza também grandes instalações, como o *Auditório para Questões Delicadas*, de 1989 (Figura 27) e *Cosmos*, de 1991 (Figura 28).

Figura 27: Auditório para Questões Delicadas (1989) – Guto Lacaz



Fonte: <https://goo.gl/hYg43G>

Figura 28: “Cosmos, um passeio no infinito”, 1990 - Guto Lacaz



Fonte: <https://goo.gl/ryhDBv>

MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DE AULA

As atividades realizadas durante a implementação do projeto de intervenção buscaram uma mudança de foco e perspectiva para introduzir a arte contemporânea no espaço escolar, cujo ponto de partida para a investigação compreendeu: problematização, provocação, questionamento e busca de relações.

A implementação foi dividida em vários momentos, nos quais, os alunos foram se familiarizando com o tema de estudo por meio de leitura, discussão, reflexão e pesquisa. Procuramos desenvolver uma relação dialógica entre prática e teoria, para propiciar um melhor aproveitamento dos conteúdos abordados.

A partir dessa etapa, os trabalhos práticos foram sendo concretizados em quatro momentos, caracterizados como: o imprevisto; experiências com materiais não convencionais; seleção de materiais e escolha do espaço da escola; e, finalmente, instalação do trabalho final.

O primeiro momento, denominado “o imprevisto”, exigiu a abordagem de conteúdos não previstos na Unidade Didática; o segundo, denominado “experiências com materiais não convencionais”, consistiu em práticas desenvolvidas a partir de pesquisas e reflexões sobre as produções de artistas contemporâneos; o terceiro, intitulado “seleção de materiais e escolha do espaço da escola”, consistiu no momento em que os grupos de trabalho, após discussões e reflexões, selecionaram os materiais e o ambiente para sua instalação; e o quarto, “a instalação”, concretizou-se como o momento da montagem do trabalho final.

O Imprevisto

Nesta proposta de instalação, os estudantes se submeteram a uma diagnose, realizada nos grupos de trabalho, e a partir desta, produziram cartazes sobre as vivências e experiências em arte moderna e contemporânea. Nesse momento, percebemos, a partir dos resultados, a necessidade de retomarmos os conhecimentos da história da arte.

Foi proposta uma pesquisa, pelos grupos de trabalho, sobre os períodos da história da arte: Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Contemporânea. A pesquisa foi iniciada no laboratório de informática da escola e finalizada em casa.

Na aula seguinte, em posse das pesquisas, os resultados foram compartilhados entre todos. Mediamos esse compartilhamento de informações e, concomitantemente, provocamos reflexões, de modo a possibilitar uma análise das imagens das diferentes épocas, que foram agrupadas a partir de suas características históricas e das ideias que as embasavam.

Posteriormente, os alunos buscaram identificar as qualidades distintas entre o que compreenderam constituir arte moderna e contemporânea. Entre as justificativas usadas, as principais foram relativas ao uso dos materiais e à escolha da linguagem artística. A seguir, algumas falas dos alunos sobre o tema em discussão, que buscavam justificar a caracterização de determinada obra como moderna/contemporânea: o estudante (P.N.O) justificou dizendo que *“pela forma como o artista usa objetos simples e do cotidiano para falar de algo”*; (B.A) afirmou que *“a imagem nos mostra algo que nos faz refletir, usa a pessoa como objeto”*; outro aluno (P.H.S.S) assinala que *“o artista utiliza materiais e como fazer diferente na sua obra”*.

Experiências Com Materiais Não Convencionais

Antes de propormos uma experiência estética com materiais não convencionais, apresentamos imagens de diversos materiais presentes nas obras: *Através* (1983-1989), de Cildo (Figura 1), e *O Ignoto* (1996), de Barrio (Figura 2). Essas obras são, visualmente, provocativas e reconhecidas pela história da arte contemporânea pela quebra de uma estética artística tradicional, principalmente, no que se refere à materialidade e à articulação entre as linguagens.

No momento seguinte, em uma proposta de trabalho, os estudantes, após visualizarem imagens compostas por sal grosso, vidro e cascalho de pedra, escreveram, em seus cadernos de estudante-artista, o que fariam com esses materiais. Após listarem suas ideias, cada grupo expôs o que havia pensado. Verificamos que a maioria não revelou um pensamento singular, pois apresentou ideias evidentes, do senso comum.

Propusemos, então, que os estudantes listassem alguns materiais que deveriam trazer na aula seguinte para uma proposta prática de trabalho em escultura. Propusemos essa linguagem, distinta da de “instalações”, devido à

composição da listagem feita, pois a escultura não seria o esboço para os trabalhos finais. Os materiais trazidos foram os mais diversos (Figura 29).

Figura 29: Materiais utilizados nas esculturas



Fonte: A própria autora

Apenas dois grupos foram diretamente para o espaço escolhido e instalaram sua proposta, sem que tivessem feito a escultura. Um grupo concluiu sua proposta de instalação intitulada “Cápsula” (Figura 30), que exigiu a participação do público enquanto a obra esteve exposta; e outro grupo instalou a proposta intitulada “Guarda-chuva enfeitado” (Figura 31) em uma sala da escola.

Figura 30: Cápsula



Fonte: A própria autora.

Figura 31: Guarda Chuva Enfeitado

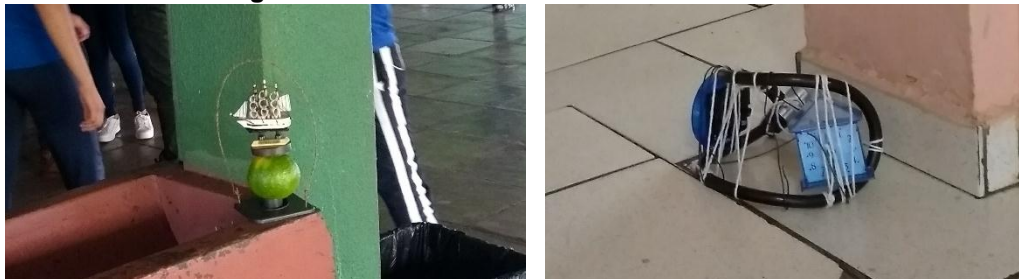


Fonte: A própria autora.

A experiência artística possibilitou aos estudantes uma compreensão sobre a quebra da estética artística tradicional, principalmente, no que diz respeito ao uso de materiais não tradicionais, que foram substituídos por alguns trazidos de seu

cotidiano. Com esse material, criaram algumas possibilidades simbólicas e estéticas (Figura 32).

Figura 32: Possibilidades Simbólicas e Estéticas



Fonte: A própria autora

Apenas um grupo desenvolveu um trabalho, em escultura, do corpo humano, usando, como material principal, massa de modelagem (Figura 33).

Figura 33: Processo e Escultura em Massa de Modelagem



Fonte: A própria autora

Durante a avaliação da proposta, os estudantes refletiram sobre a importância desse exercício para iniciarem a seleção dos materiais que seriam utilizados para a elaboração do trabalho final.

Seleção dos Materiais e a Pesquisa nos Espaços da Escola

Essa etapa foi, sem dúvida, o momento de maior dificuldade de concentração e participação dos estudantes, que deveriam apresentar relatos autobiográficos, conforme um de nossos objetivos para o plano de implementação. Esses relatos

eram fundamentais, pois acarretariam as instalações, cujo foco era evidenciar e enfatizar a importância da cultura local.

A maioria, em um primeiro momento, se mostrou resistente em falar sobre si e sua história de vida, embora pudesse escolher a linguagem desse relato: por meio da gravação de áudio ou escrita. A maioria dos estudantes usou seus cadernos de pesquisa para anotar suas histórias de vida.

É importante ressaltar que os projetos de instalação não partiram diretamente desses relatos, mas abordaram, de forma geral, questões que cercaram a infância de muitos. Assim, seus projetos buscaram envolver o observador por meio dos órgãos dos sentidos. A partir de algumas questões autobiográficas, os estudantes elaboraram seus projetos de instalação, por meio da seleção de coisas³/materiais que, de certa forma, falavam de si, mas que também podiam falar do outro.

Nesse momento, os estudantes foram convidados a: trazer, para a aula seguinte, os possíveis materiais que seriam usados em seus projetos; e caminharem pela escola em busca do ambiente que receberia sua instalação.

Depois de coletados os materiais para a instalação, em uma roda de conversa com os pares, os estudantes apresentaram as coisas (Figura 34) a serem expostas como parte integrante da mesma. A partir disso, foram convidados a falar sobre essas coisas, elegendo o sentido que estas mais tocam/instigam, ou seja, cada qual escolheu, entre os cinco sentidos, os mais significativos para eles. Nessa etapa, foram indicados os caminhos para a elaboração estética do ambiente da instalação.

³ Optou-se pela palavra “coisa” no lugar de objeto, porque nos parece que o termo coisa está mais livre para significações do que “objetos”. Este vocábulo pressupõe um sentido, um conceito que poderá induzir os caminhos finais a serem adotados para a instalação.

Figura 34: Materiais apresentados para as Instalações



Fonte: A própria autora

A Instalação

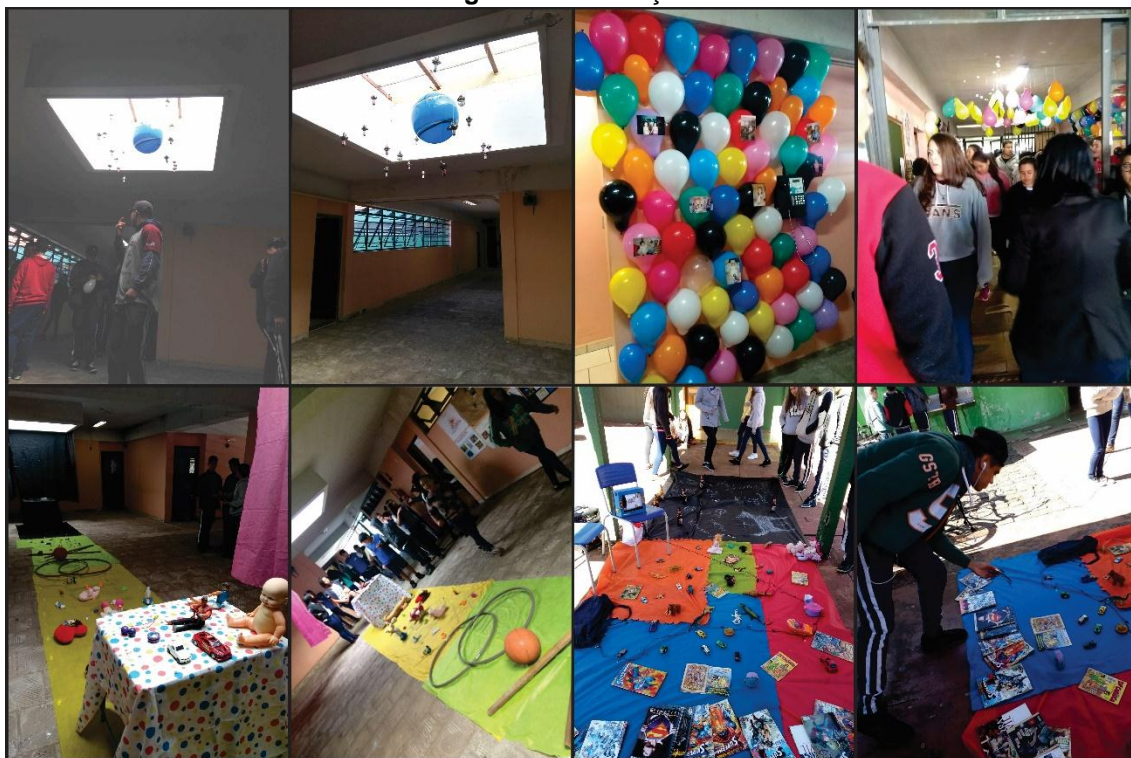
Nesta última fase de nosso trabalho, os estudantes, dispostos e envolvidos, discutiram sobre a sua realidade individual vinculando-a ao processo de criação da instalação proposta.

Durante a montagem das instalações, alguns grupos tiveram que replanejar algumas ações para o trabalho, pois a maioria eram em áreas externas e sendo assim, questões climáticas atrapalharam na montagem dos projetos, porém, esse imprevisto não chegou a prejudicar os trabalhos.

As instalações finais repercutiram nos grupos um entendimento mais consciente a respeito dos conteúdos abordados pelos artistas referendados no princípio dos encontros. Compreenderam assim, as questões estéticas e históricas que cercam a arte contemporânea, tanto a partir da materialidade, quanto pela participação do público com a obra no ambiente expositivo. EsUma Uma última questão tratou das evidências sensoriais exigidas do público diante de tais obras.

As instalações (Figura 35) puderam ser vistas durante o recreio por estudantes e professores que transitaram entre os trabalhos com olhares curiosos e atentos. Escutamos alguns comentários dirigidos aos grupos, ou não, que deixaram os integrantes satisfeitos e interessados em um diálogo.

Figura 35: Instalações



Fonte: A própria autora

DISCUSSÃO GERAL

A partir dos anos de 1960, entre as obras de arte contemporânea que receberam mais críticas, estão as Instalações, assim, as discussões abordaram, principalmente, essa forma de linguagem.

Promover experiências em arte contemporânea na escola possibilita que os educandos estabeleçam uma relação direta com seu meio social, para que possam trilhar cominhos que os levem a compreender símbolos presentes nas obras de arte, dando-lhes novos significados. Assim, os estudantes puderam compreender, teoricamente, as relações estabelecidas pela linguagem da arte contemporânea, o que os sensibilizou para novos experimentos e para a busca de diferentes materiais.

Para a professora Manoela dos Anjos (FAV/UFG), o professor que escolher a arte contemporânea como projeto pedagógico entrará em territórios simbólicos mais

amplos do que os possibilitados pelas artes tradicionais expostas em museus. Assim, sem desvalorizar as referências históricas, a professora aponta que o professor:

[...] caminhará muito mais por territórios que evocam combinações de informações históricas, entrecruzamentos de conceitos, compreensão de jogos de linguagem e expansão de práticas, do que por terrenos acomodados por definições e cronologias exatas provenientes de abordagens lineares da história da arte. (AFONSO, 2013).

Os alunos, diante das diferentes abordagens da arte contemporânea apresentadas, fizeram alguns questionamentos e se mostraram resistentes e relutantes em aceitá-las, ou mesmo, em tentar entender o que a difere de toda produção artística ao longo da história. Isso se deve, principalmente, aos conceitos ainda atrelados aos padrões da arte clássica e/ou do início do século XX, com os primeiros movimentos de arte moderna. Assim, sentem necessidade de uma narrativa para o que veem, buscam sentido para as obras e ficam inquietos, tentando entender o que o artista quis “transmitir” com sua obra.

No entanto, mesmo diante do que foi apontado, promovemos um ambiente de investigação para que os estudantes pudessem se situar nesse ambiente artístico, novo para eles, cujas possibilidades de formulação estética são infinitas, pois não se embasam em critérios claros e definidos, como na arte tradicional.

Para Menezes (2007, p. 70), “a ausência de questionamentos relacionados à produção artística atual ainda promove o distanciamento entre a prática e a concepção de arte apresentada no ambiente escolar e a prática que ocorre no ambiente artístico atual.” Nesse sentido, no decorrer de todo o trabalho, os estudantes foram envolvidos em saberes que dialogavam com a arte contemporânea, ou seja, foram convidados a conhecê-la, para que pudessem se familiarizar com suas produções.

A partir de um estudo reflexivo sobre a linguagem artística contemporânea, fomos elaborando um outro olhar para essas produções, assim, evidenciamos: a existência de um diálogo entre as obras e a realidade da qual o artista faz parte; a utilização de poéticas próprias, por parte do artista, para se relacionar, de forma crítica, com seu tempo; e a apropriação de temas e objetos retirados de seu cotidiano e da cultura visual de massa, para a produção de suas obras.

Nesse sentido, o espectador é chamado a realizar uma interação com a obra, distanciando-se da tradicional contemplação passiva. Parafraseando Favaretto (1999), o artista, como mago criador, perde para o inteligente propositor de situações que intervêm diretamente nos espectadores, considerando-os, agora, participantes.

Ao analisar a linguagem da instalação escolhida como proposta de trabalho, percebemos o envolvimento e a disposição dos estudantes no decorrer de toda a elaboração, desde a escolha do ambiente, a seleção dos materiais, ou seja, das “coisas”, bem como, da busca por sentidos até a elaboração estética do ambiente da instalação.

As instalações, como finalização de todo o processo, revelaram um sentido temporal e não apenas espacial. No momento de finalização do trabalho, percebemos que ficou evidente uma ênfase no cotidiano da escola e pessoal de cada um dos envolvidos, o que possibilitou que os estudantes entendessem que a arte pode existir mesmo fora do espaço formal dos museus e galerias, pois pode estar em qualquer lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho propiciou aos estudantes experiências com arte contemporânea, o que contribuiu, de forma ampla, para a formação dos educandos, pois estes foram estimulados a investigar para desenvolver processos de criação.

Os relatos autobiográficos não influenciaram, diretamente, nos temas abordados nas instalações, como havíamos planejado, no entanto, pormenorizaram alguns aspectos, ligados, prioritariamente, a brinquedos e brincadeiras da infância dos sujeitos envolvidos.

As coisas selecionadas e trazidas pelos grupos de trabalho indicaram um caminho coletivo na elaboração da instalação, que discutiu a realidade individual, mas que, de certa forma, também falava do outro.

As instalações revelaram que oportunizar aos estudantes uma reflexão sobre algumas obras da arte contemporânea e o envolvimento direto com a produção própria individual e/ou coletiva de arte evidencia que o trabalho com arte contemporânea, nas escolas, cumpre um papel tanto pedagógico quanto estético,

pois propicia o entendimento da arte como produção e expressão humana carregada de sentidos.

Os alunos mostraram interesse pela escolha de materiais não convencionais e, satisfeitos com os resultados, surpreenderam-se pela compreensão do conceito de arte contemporânea, da instalação como linguagem artística e de seu papel para a formação escolar.

Concluimos que a pesquisa aliada à criação é uma característica essencial da arte contemporânea, que, distinta da arte moderna, revelou-se como um embrião para gerar sentidos mais amplos sobre o papel da arte na escola.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Manoela dos Anjos. **A Arte de Nosso Tempo**. Boletim Arte na Escola, ed.68, abril 2013. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/boletim/materia.php?id=70079>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

ARTUR Barrio. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa47/artur-barrio>>. Acesso em: 22 de Nov. 2017. Verbete da Enciclopédia.

CILDO Meireles. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10593/cildo-meireles>>. Acesso em: 22 de Nov. 2017. Verbete da Enciclopédia.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da Arte Contemporânea?**. 1. ed. Recife: Massangana. 2006. 77 p.

DUCHAMP, Marcel. UOL Educação. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/Marcel-Duchamp.jhtm>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

FAVARETTO, Celso. **Isto é Arte?**. Ação Educacional Itaú Cultural, 2000. (Vídeo)

GUTO Lacaz. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8802/guto-lacaz>>. Acesso em: 22 de

Nov. 2017. Verbete da Enciclopédia.

JENKINS, Mark. Revista Biografia. Disponível em: <<http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com.br/2014/01/mark-jenkins-artista-plastico-americano.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

MACCHI, Fabiana. **Kurt Schwitters: o dadaísta que era merz**. Sibila – Revista de Poesia e Cultura. Ano 4, n.7, setembro de 2004. Disponível em: <http://www.germinaliteratura.com.br/sibila2005_kurtschwitters.htm>. Acesso em: 25 ago. 2016.

MENEZES, Marina Pereira de. **A arte contemporânea como conteúdo e fundamento para a prática de ensino em artes**. Concinnitas ano 8, vol.2, nº11, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/download/22858/16299>>. Acesso em: 02 mai. 2016.

SCHWITTERS, Kurt. **Kurt Schwitters, inventor das instalações, ganha exposição**. O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/kurt-schwitters-inventor-das-instalacoes-ganha-exposicao-4147545>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

SILVA, Luciana Bosco e; PECCININI, Daisy. **Arte do Século XX / XXI: Visitando o MAC na WEB – Mapeamento do Módulo V – Instalação**. Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/index.html>>. Acesso em: 05 ago. 2016.